

**Reflexões sobre o**  
**AMOR**  
**(e sobre os demais sentimentos humanos)**

Copyright © Reis Friede, 2020

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.  
Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida por meio impresso ou eletrônico,  
sem a autorização prévia por escrito da Editora/Autor.*

EDITOR: João Baptista Pinto

CAPA: Maria de Oliveira

EDITORIAÇÃO: Luiz Guimarães

REVISÃO: Rita Luppi

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

---

F946r

Friede, Reis

Reflexões sobre o amor (e sobre os demais sentimentos humanos) / Reis Friede.

- 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2020.

128 p. ; 15,5x23 cm.

ISBN 978-65-990166-2-2

1. Ensaio brasileiro. 2. Amor - Aspectos psicológicos. 3. Amor - Aspectos sociais.

I. Título.

20-63281

CDD: 869.4

CDU: 82-4(81)

---

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

**LETRA CAPITAL EDITORA**  
Telefone (21) 22153781 / 35532236  
[www.letracapital.com.br](http://www.letracapital.com.br)

REIS FRIEDE

**Reflexões sobre o**  
**AMOR**  
**(e sobre os demais sentimentos humanos)**

LETRAPITAL



# Sumário

O Autor.....	7
Apresentação.....	19
<i>Monsenhor Sérgio Costa Couto</i>	
Prefácio.....	23
<i>Frei Paulo Batista</i>	
Prefácio.....	27
<i>Desembargador Carlos José Martins Gomes</i>	
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>Sobre o amor: o mais sublime sentimento humano</b> .....31	
1. O amor e seu correspondente poder .....	31
2. O amor e a mentira.....	41
3. O Cristo de nossos corações.....	44
Notas complementares.....	47
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>O tempo: o senhor da razão</b> .....57	
1. A finitude existencial humana.....	57
2. Cada segundo ao seu lado (o tempo e o verdadeiro significado da vida)....	59
3. Sobre o egoísmo e a ingratidão.....	61
<b>CAPÍTULO III</b>	
<b>A dor e a pretensa servidão humana</b> ..... 71	
1. A verdadeira servidão humana.....	71
2. A verdadeira servidão humana sob a ótica cristã.....	76

3. A dor física, a dor emocional e a dor social .....	79
Notas complementares.....	91

## **Capítulo IV**

### **Sobre o medo e a morte: desmistificando**

<b>fantasmas.....</b>	<b>99</b>
1. Sobre o medo e a morte.....	99
2. A permanente vitória do Bem sobre o Mal .....	104
Nota complementar.....	107

## **CAPÍTULO V**

### **A família: e o suposto “porto seguro” .....**

1. Sobre a família.....	109
-------------------------	-----

## **CAPÍTULO VI**

### **Arrogância: mais um pecado capital? .....**

1. Sobre a arrogância e os nossos demônios .....	115
--	-----

## **CAPÍTULO VII**

### **Heróis e atos heroicos: somos todos heróis? .....**

1. Sobre heróis e heroínas.....	117
---------------------------------	-----

## **CAPÍTULO VIII**

### **O professor e o educador .....**

1. O papel do professor .....	121
-------------------------------	-----

<b>Referências .....</b>	<b>125</b>
--------------------------	------------

## O Autor

**R**eis Friede se dedica ao estudo do Direito há mais de 40 anos, tendo ingressado na Faculdade de Direito da Universidade Cândido Mendes (UCAM) em 1978, graduando-se em 1982, após ter marcado uma rápida passagem no mercado de capitais como o mais jovem operador de *open market* do Brasil (LTN – Letras do Tesouro Nacional), junto à Corretora de Títulos e Valores Laureano S/A, entre 1977 e 1978.

Reis Friede possui um currículo invejável, contabilizando três décadas como professor, mais de 40 livros publicados e centenas de artigos em publicações nacionais e estrangeiras [...] é um estudioso de temas relacionados à História, à Sociologia e à Ciência Política (Anuário da Justiça Federal, ConJur, 2019, p. 142).

Em 1981, com inscrição no quadro de estagiários, iniciou sua carreira como postulante e, seguidamente, advogado (OAB nº 46.215), atuando posteriormente, após correspondente concurso público (aprovado em primeiro lugar) no Ministério Público, na qualidade de Promotor de Justiça (1986/1988) e no Poder Judiciário Federal, após submissão a novo concurso público (aprovado em primeiro lugar, dentre os candidatos do Rio de Janeiro, e tendo sido o mais jovem Juiz Federal do Brasil, conforme noticiado no *Jornal do Brasil* de 17/03/1988), como Juiz Federal Titular da 12ª Vara (1988/2001).

Em 1988, Reis Friede tornou-se o mais *jovem* Juiz

Federal da história da magistratura brasileira. Tinha então 25 anos. Entrou para a Faculdade com apenas 15 anos e, de lá para cá, colecionou vários diplomas [...] e lecionou (em diversas Universidades): UFRJ, UFRRJ, UERJ e UNIRIO (Anuário da Justiça Federal, ConJur, 2012, p. 103).

Em 2001, foi convocado pelo Tribunal Regional Federal da 2ª Região (2001/2004) e, subsequentemente, promovido, por antiguidade, ao cargo de Desembargador Federal em 2004.

Reis Friede é o integrante da Corte (TRF2) que apresenta o perfil mais *discreto*, com raríssimas manifestações públicas. Possui ampla formação acadêmica. Além de dois mestrados e doutorado em Direito, possui graduações também em Direito, Economia, Administração, Arquitetura e Engenharia. [...] (Somente) no primeiro semestre de 2016, mais de 13 mil processos passaram pelo seu crivo (Anuário da Justiça Federal, ConJur, 2017, p. 84).

Atuou junto à 2ª Turma (2001/2003), 1ª Turma (2004/2005) e, após a especialização por matéria, junto à 7ª Turma (Matéria Administrativa) (2006/2014) até sua eleição (unânime) como Vice-Presidente (onde atuou entre 2015/2017) e membro do Conselho de Administração. Em 2017, foi eleito, por unanimidade, para representar a Justiça Federal junto ao Tribunal Regional Eleitoral (TRE) e para Diretor do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF), atuando, concomitantemente, como Desembargador Federal junto à 6ª Turma Especializada (matéria administrativa) e na qualidade de Membro Titular do Órgão Especial do TRF2.

Reis Friede foi Vice-Presidente do TRF2 no biênio 2015-2017, período em que contabilizou mais de 60 mil despachos (um recorde histórico), além de cerca de 600 votos proferidos no Órgão Especial e no Tribunal Pleno (praticamente ‘zerando’ o estoque de processos da Vice-Presidência). Considera extremamente importante o contato com os advogados, assim como com os membros do Ministério Público e com os demais magistrados, pois acredita que sem essa *tríade* não há (verdadeira e efetiva) Justiça. Recebe memoriais até 30 dias antes do julgamento, para haver tempo hábil de estudo do processo (Anuário da Justiça Federal, ConJur, 2018, p. 126).

Em 6 de dezembro de 2018, foi eleito, por unanimidade, Presidente do Tribunal Regional Federal da 2ª Região (TRF2) e Conselheiro do Conselho da Justiça Federal (CJF – Brasília/DF), para o biênio 2019/2021, posições que atualmente vem desempenhando diuturnamente.

Na qualidade de docente, iniciou sua carreira como professor assistente do Departamento de Direito Público da Universidade Estácio de Sá (UNESA – 1988), posteriormente promovido, respectivamente, a adjunto (1990) e titular (1991). Atuou como professor palestrante do Departamento de Prática Forense da Universidade de Direito Cândido Mendes (UCAM – 1988) e professor titular dos Cursos de Pós-Graduação e do Centro de Estudos em Direito da Universidade Estácio de Sá (UNESA – 1991/2001). Foi fundador dos Programas de Mestrado em Direito da Universidade Estácio de Sá (UNESA – 1992) e membro da Comissão de Qualificação Docente da UNESA (1991/1993). Posteriormente, exerceu fun-

ções como membro do Corpo Permanente (Colegiado) de Professores Conferencistas da Escola Superior de Magistratura do Amazonas (1998), professor conferencista da Fundação Getúlio Vargas (FGV - 2001), professor titular da Escola de Pós-Graduação em Direito da UniverCidade (2001/2011), professor membro do Conselho Permanente (Colegiado) do Centro de Estudos em Direito da UniverCidade (2001/2011), professor titular da Faculdade de Direito da Universidade Veiga de Almeida (UVA - 2011/2016), além de professor titular da Faculdade de Direito do Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM - desde 2008), professor titular e membro do Conselho Consultivo do Mestrado Profissional Multidisciplinar em Desenvolvimento Local da UNISUAM (desde 2010) e presidente do Conselho Consultivo do Curso de Direito da UNISUAM (desde 2014). Atualmente, é também professor adjunto da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO - desde 2018), professor de Direito Constitucional da Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro (EMERJ - desde 2011) e conferencista emérito da Universidade Castelo Branco (UCB - desde 2016).

O impressionante *curriculum vitae* de Reis Friede [...] revela um jurista comprometido com o permanente estudo do Direito, ansioso por transmitir seus conhecimentos a todos os que a ele igualmente se dedicam, aí revelando a sua vocação para o magistério (Ministro Aldir G. Passarinho, ex-Presidente do STF).

Por concurso público (aprovado, em todos, em primeiro lugar), atuou como professor adjunto da Facul-

dade de Direito da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO – 1995/1997), professor adjunto da Escola de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ – 2005/2007), professor adjunto da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ – 2014/2018) e professor adjunto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO – desde 2018), sendo também professor emérito da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME – desde 2010), professor *honoris causa* da Universidade da Força Aérea (UNIFA – desde 2016), professor emérito da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO – desde 2019; tendo sido o primeiro agraciado no Brasil com a referida condecoração) e conferencista especial da Escola Superior de Guerra (ESG – desde 2019).

Tenho acompanhado a carreira meteórica de Reis Friede, muitas vezes tendo o privilégio de veicular seus trabalhos, em face da seriedade germânica com que enfrenta os temas processuais de envergadura, com a busca de soluções jurídicas e justas (Ives Gandra da Silva Martins).

Reis Friede afigura-se como um autêntico *furacão* (Cláudio Vianna de Lima, Desembargador, ex-Vice-Presidente do TJRJ e fundador da Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro – EMERJ).

É membro da Aviation and Space Writers Association (AWA – desde 1977), da Society of Automotive Engineers Inc (SAE – desde 1983), da Sociedade Brasileira de Direito Aeroespacial (SBDA – desde 1990); sócio titular do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB), ocupando a cadeira de nº 72, cujo patrono é

o Marechal Manoel Luiz Osório, o Marquês do Herval (desde 2017), e acadêmico perpétuo Fundador da Academia Brasileira de Defesa (ABD), ocupando a cadeira de nº 31, cujo patrono é o Tenente-Brigadeiro Délio Jardim de Mattos (desde 2018).

Publicou mais de 50 obras jurídicas e de política e segurança internacional, além de mais de quatro centenas de artigos jurídicos e de outras várias disciplinas, em diversas publicações nacionais e estrangeiras, particularmente revistas e periódicos especializados.

Reis Friede transmite seus ensinamentos de modo simples e afirmativo, sem que isso prejudique a cientificidade de suas opiniões (Roque Antônio Carrazza).

A objetividade seguida para a formulação das ideias postas por Reis Friede conduz o leitor, com intensa facilidade, a compreender, de modo bem simples, as situações ensaiadas e defendidas, permitindo, desde logo, a assunção de uma postura induzidora sobre a aceitação do que está escrito (Ministro José Delgado, ex-membro do STJ).

O saber exposto com clareza de linguagem e de estilo e a riqueza das fontes consultadas credenciam o *trabalho* do Professor e Magistrado Reis Friede, perante a comunidade universitária e operadores do Direito em geral (Paulo Nader).

Além da graduação em Direito (UCAM – 1982), concluiu, também, os bacharelados em Arquitetura (USU – 1982), Economia (UFRJ – 1985), Administração (UCAM – 1991) e Engenharia (UERJ / USU – 1991), além de Licenciatura em Matemática (AVM / UCAM – 2010), tendo, ainda, registrado passagem no curso de mestrado

do em Direito e Relações Internacionais (PUC – 1985) e no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política (IUPERJ – 1984).

O Desembargador Reis Friede se dedica ao estudo do Direito há mais de 40 anos, e, por todo esse tempo, tem apresentado a comunidade jurídica com produção intelectual elogiável. Produziu o autor várias obras e centenas de artigos jurídicos, resultado de uma pesquisa científica notável, além de brilhantes votos inseridos na jurisprudência respeitadíssima do TRF2 (Ministra Ellen Gracie Northfleet, ex-Presidente do STF).

Reis Friede, magistrado e professor, em breve lapso de tempo e carreira, granjeou meritória nobriedade e respeito intelectuais nos meios jurídicos [...] (Francisco Mauro Dias).

Possui, dentre outros títulos, o de mestre em Direito do Estado pela Universidade Gama Filho (UGF – 1989) e mestre (1990) e doutor (1991) em Direito Público pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

O professor Reis Friede, embora ainda jovem, ostenta invejável currículo, seja quanto à formação acadêmica, que abrange várias áreas do conhecimento, seja no exercício do magistério, em que se destaca como mestre de Direito Público (Sérgio de Andréa Ferreira).

Diplomado pela Escola Superior de Guerra (ESG – 1991) e pela Escola de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica (ECEMAR – 1982), proferiu inúmeras palestras e conferências, no Brasil e no exterior, sobre temas jurídicos e de estratégia internacional, destacando-se “O

combate à corrupção no Brasil e as consequências para o continente americano” no Colégio Interamericano de Defesa (CID, Academia Militar mantida pela Organização dos Estados Americanos – OEA), em novembro de 2018, e na Junta Interamericana de Defesa (JID, entidade integrante da OEA), em março de 2019, ambos localizados em Washington, D.C., Estados Unidos, bem como a “A crise norte-coreana e a ameaça nuclear pós-Guerra Fria”, em outubro de 2017, no Instituto Universitário Militar (IUM), e a “A ameaça nuclear pós-Guerra Fria”, em outubro de 2019, na Universidade Lusíada de Lisboa, ambos em Portugal. Também é palestrante convidado do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa (Portugal) e do Instituto de Relações Internacionais da Universidade Autónoma de Lisboa (UAL – Portugal).

Reis Friede tem cultura e vocação para contribuir para essa obra de aperfeiçoamento de nossas instituições políticas e sociais e para a solução da crise institucional que resulta, em grande parte, da alienação dos grandes problemas nacionais, por parte das elites e das classes dominantes (José Motta Maia, ex-Vice-Presidente do IAB).

Na qualidade de Presidente do Tribunal Regional Federal, representando esta Corte de Justiça, foi convidado a visitar vários Tribunais e Institutos Jurídicos da Europa, tendo sido recebido pela Vice-Presidente do Supremo Tribunal de Justiça de Portugal, Maria dos Prazeres Beleza, em 07/10/2019; pelo Vice-Presidente do Tribunal Supremo de Madrid, Ángel Juanes Peces, em 11/10/2019; pelo Presidente do Tribunal Central Admi-

nistrativo Sul de Lisboa, Rui Fernando Belfo Pereira, em 08/10/2019; pelo Presidente da Ordem dos Advogados (Conselho Regional de Lisboa), A. Jaime Martins, em 07/10/2019. Ademais, integrando a comitiva do Conselho da Justiça Federal (CJF), visitou as seguintes instituições da Alemanha: em 14/10/2019, o Tribunal Administrativo de Freiburg, ocasião em que, juntamente com os demais Conselheiros, foi recepcionado pelo Presidente Klaus Rennert; em 15/10/2019, o Superior Tribunal de Justiça, na figura da Presidente Bettina Limperg; e, em 16/10/2019, o Tribunal Constitucional Federal de Karlsruhe, sendo recebido pelo Presidente Andreas Voßkuhle. Por fim, em 16/10/2019, visitou também o Tribunal Europeu de Direitos Humanos, em Estrasburgo, na França, na pessoa do Presidente Linos-Alexandre Sicilianos.

Somente autores como Reis Friede, com as qualidades do *magister* (com a bagagem da longa vivência na Magistratura e no Magistério), podem transmitir como vive o Direito, como funcionam as instituições, como se resolvem pacificamente as controvérsias pelos processos adotados pelos legisladores, juízes e administradores (Nagib Slaibi Filho).

Ademais, participou, na qualidade de membro efetivo, da Comissão Examinadora do XVII Concurso para Ingresso na Classe Inicial da Carreira de Procurador do Estado (2012), das Comissões Organizadoras e Examinadoras do XII (2009) e do XIII (2011) Concursos Públicos para Provimento de Cargos de Juiz Federal e da Banca Examinadora para Provimento do Cargo Efetivo do Magistério Superior no Quadro de Pessoal Civil do Comando da Marinha (2017).

Aproveitados deveriam ser os ensinamentos de Reis Friede [...] porque soube, com sabedoria, insistir na sabedoria da razão (Oliveiros Lessa Litrento).

É comendador da Ordem do Mérito Militar (Exército Brasileiro / EB - 2006), comendador da Ordem do Mérito Aeronáutico (2008), comendador da Ordem do Mérito Naval (2018), comendador da Ordem do Mérito Policial Militar (Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro / PMERJ - 2006) e comendador do Mérito Judiciário e Acadêmico (Tribunal de Justiça do Estado do Amazonas / TJAM - 2016), comendador do Colar do Mérito Judiciário (TJRJ - 2019), possuindo, ainda, as seguintes medalhas e condecorações:

- Medalha da Ordem do Mérito Aeronáutico (Grau Grande Oficial - 2019)
- Medalha da Ordem do Mérito Naval (Grau de Oficial - 2008)
- Medalha da Ordem do Mérito da Defesa - Ministério da Defesa (Grau de Oficial - 2018)
- Medalha do Mérito Santos Dumont - Comando da Aeronáutica (2016)
- Medalha do Mérito Marechal Cordeiro de Farias - Escola Superior de Guerra / ESG (2016)
- Medalha do Mérito Tamandaré - Marinha do Brasil (2004)
- Medalha do Pacificador - Exército Brasileiro (2014)
- Medalha da Vitória - Ministério da Defesa (2017)
- Medalha Exército Brasileiro (2016; tendo sido o pri-

- meiro agraciado no Brasil com a referida condecoração)
- Medalha Amigo da Marinha (2017)
  - Colaborador Emérito do Exército Brasileiro (2014)
  - Medalha da Ordem do Mérito de Bombeiro Militar - Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro / CBMERJ (2019)
  - Medalha do Mérito Avante Bombeiro - Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro / CBMERJ (2018)
  - Medalha Amizade da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro - PCERJ (2018)
  - Medalha da Ordem do Mérito Judiciário Militar - STM (Grau Alta Distinção - 2016)
  - Medalha da Ordem do Mérito Judiciário do Trabalho - TRT / 1 (Grau Grande Oficial - 2019)
  - Medalha da Ordem do Mérito Judiciário do Estado do Amazonas - TJAM (2018)
  - Medalha Luiz Eduardo Pimenta Pereira - AJUFERJES (2018)
  - Medalha Tiradentes - Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro / ALERJ (2016)
  - Medalha de Mérito Pedro Ernesto - Câmara Municipal do Rio de Janeiro (2016)
  - Cidadão de Vitória - Espírito Santo (2019)

Além de diversas homenagens e distinções, destacando-se: Turma Theotônio Vilela (Faculdade de Direito da Universidade Estácio de Sá - 1989), Turma Reis Friede (Faculdade de Direito da Universidade Estácio de Sá -

1992), Turma Reis Friede (1ª Turma de Pós-Graduação em Direito Processual Civil da Faculdade de Direito da Universidade Estácio de Sá – 1995), Troféu Dom Quixote (*Revista Justiça & Cidadania* – 2000) e Jubileu de Ouro do TRF da 2ª Região (2017).

Reis Friede, germânico em seu nome e, sobretudo, na disciplina que aplica a todos os seus atos (Alberto B. Cotrim Neto).

Dentre as principais aprovações em concursos públicos evidenciam-se a Magistratura Federal (1987, primeiro lugar no Rio de Janeiro), Ministério Público (1986, primeiro lugar), professor de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ – 2003, primeiro lugar), professor de Direito da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO – 1995, primeiro lugar com média global máxima – dez), professor de Direito da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ – 1989, primeiro lugar com média global máxima – dez) e, por mais uma vez, professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ – 2013), além de professor de Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ – 1987, segundo lugar).

Primeiro colocado em vários concursos públicos, mestre e doutor em direito, o Professor Reis, assim chamado pelos seus alunos, é um eloquente exemplo da revolução intelectual que a nova geração de juristas vem fazendo no mundo jurídico (Sérgio Cavaliéri Filho, ex-Presidente do TJRJ).

## Apresentação

Lembro-me e, consultando minha agenda no velho Palm, confirmo que foi em 1º de julho de 2004, que estava presente, representando o Arcebispo do Rio de Janeiro, à sessão de posse do Des. Fed. REIS FRIEDE. A extensa leitura de seu currículo não apenas impressionou, mas, num dado momento, também provocou risos pela sua variedade: matemática e aeronáutica, entre outras coisas, não apenas como atividades diletantes, mas ornadas com os devidos e bem apreciados títulos; habilidades que, no nosso mundo, não costumam estar juntas e tão bem integradas no currículo de um magistrado. Friso no nosso mundo, porque nem sempre foi assim; personagens antigos e medievais – penso agora, talvez pela comum origem germânica, num Santo Alberto Magno – também se esmeraram nessa variedade que, hoje, tanto nos espanta.

Mas vamos ao texto. Logo que comecei a leitura, me veio à mente uma classificação numa palavra francesa difícil de traduzir sem falseá-la: *Entretiens*. Pensei especialmente nos *entretiens* do Cardeal Charles Journet que, após obras monumentais que superavam as 2000 páginas, escreveu textos menores onde seu pensamento flui num ritmo que torna até difícil a interrupção da leitura.

Nesta pequena contribuição, apenas destaco alguns aspectos que, à semelhança dos aludidos *entretiens*, me suscitaram outras conexões.

A tradição que provém da nossa herança Greco-latina faz distinções no amor, sendo o mais alto o que é ex-

presso pela palavra *agápē* (ἀγάπη), hoje popularizada em nosso meio com o acento deslocado: *ága-pe*. Em latim o termo é, imperfeitamente, mas abrindo-se a outras belas conseqüências, traduzido por *Caritas* (ou *Charitas*). Várias são as características do amor assim expresso, mas diria que um dos mais frequentes no texto em pauta é o seu carácter oblativo: amor é doação. Este é o sentido que prevalece no belíssimo e popular *Hino ao Amor* de São Paulo na *Primeira Epístola aos Coríntios* (12,31–13,8). Diria que, nesta Terra, o que mais se aproxima desse Amor é o dos pais pelos filhos; é a capacidade de colocar a felicidade de outro na frente da própria e aí ver sua realização.

O amor – *caritas* – será sempre necessário, mesmo na sociedade mais justa. Não há qualquer ordenamento estatal justo que possa tornar supérfluo o serviço do amor. Quem quer desfazer-se do amor, prepara-se para se desfazer do homem enquanto homem. Sempre haverá sofrimento que necessita de consolação e ajuda. Haverá sempre solidão. Existirão sempre também situações de necessidade material, para as quais é indispensável uma ajuda na linha de um amor concreto ao próximo (BENTO XVI, Encíclica *Deus Caritas est*, nº 28).

Citando a si mesmo, numa aula magna, o Autor diz: “A verdadeira fé é aquela que não teme a razão.” Total concordância. Toda a tradição filosófica e teológica cristã o afirma: a Fé sobrenatural ultrapassa a capacidade da razão humana, mas não a contradiz. Se identificarmos um choque, é melhor refazer o caminho; à semelhança de um médico que se depara com exames contraditórios.

S. João Paulo II, em 1998, dedicou toda uma encíclica ao tema, sintetizando dois milênios de tradição. “*A fé e a razão constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da Verdade.*” (*Fides et Ratio*, nº 1). Como sabemos, como apenas uma asa é difícil voar...

Teria muito, muito mais mesmo o que falar, mas limito-me a uma seção do livro que sei que está no coração do Des. REIS FRIEDE, como está no meu: o *professor*. Nesse campo sempre tive como mestre Dom Lourenço de Almeida Prado, OSB, o médico que foi um dos maiores educadores deste país, reitor do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro por quase 5 décadas (1955-2001). Em vários de seus escritos sobre educação dois princípios eram constantes: a etimologia de *educar* como guiar para fora — “...a ação educativa é uma ajuda que uma criatura presta a outra para que esta possa tirar de dentro si mesma suas energias interiores” (*Educação para a Democracia*, Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1984, p. 138 —, ao mesmo tempo, frequentemente investia contra uma expressão típica de nossos dias: *conscientização* que qualificava como “*uma invasão despótica do outro no seu interior*” (*Ibidem*). Outra mestra foi minha mãe Elisabeth Vasconcelos da Costa e Silva, pelo casamento, Costa Couto, professora, diretora de escola — por concurso, gostava de lembrar — que se encaminhou para a aposentadoria, quando percebia que a conscientização substituía a educação.

Desse âmbito, é fundamental educar a consciência, pensando nisso, a memória me levou — e o Google ajudou —, a uma *Audiência Geral* de S. João Paulo II de 17 de agosto 1983 e com ela concluo:

Portanto, *não é suficiente* dizer ao homem: “segue sempre a tua consciência”. É necessário acrescentar *logo e sempre*: “pergunta-te se a tua consciência diz o que é verdadeiro ou o que é falso, e procura com denodo conhecer a verdade”. Se não se fizesse esta necessária precisão, o homem correria o perigo de encontrar na sua consciência uma força destruidora da sua verdadeira humanidade, em vez de um lugar santo onde Deus lhe revela o seu verdadeiro bem.

**Monsenhor Sérgio Costa Couto**

*Cavaleiro-presbítero e Cerimoniário da*

*Ordem Equestre do Santo Sepulcro*

*Capelão da Imperial Irmandade de*

*Nossa Senhora da Glória do Outeiro*

## Prefácio

**E**vocar algo que se faz presente em cada ser humano, o que explica sua origem, define seus propósitos e lhe dá forças para manter-se firme diante de todas as adversidades e desafios oferecidos pela jornada existencial. Reconhecer que os sentimentos não tornam os seres humanos frágeis, mas, pelo contrário, fortalece-os. Olhar com cuidado para os sentimentos que habitam dentro de nós não é tarefa fácil; é caminho árduo que exige coragem. Porém, é trilha necessária para uma relação madura consigo mesmo, com o outro e com o mundo.

Muito se fala do amor, mas até que ponto somos realmente capazes de amar? O assunto está longe de ser esgotado; não pode esgotar-se o que é fonte. Prova disso é o excelente trabalho de REIS FRIEDE em *Reflexões sobre o amor e sobre os demais sentimentos humanos*.

O amor é a força do CRIADOR que se faz presente em cada um, tornando-os únicos, dando mais originalidade à identidade presenteada pelo CRIADOR, que é dom da vida. Viver só é possível se for no amor. Sem o amor há existência, porém não há vivência.

De todos os sentimentos, o amor, como propõe REIS FRIEDE, é o mais nobre. Ele é capaz de dar um sentido real e verdadeiro a toda jornada humana, de romper com a mera rotina que às vezes se apresenta vazia e sem propósito. Permite a vivência criativa, dando um sentido novo a cada ação, ainda que esta seja uma contínua repetição de atos. Só o amor pode dar uma nova experiência a antigas ações.

O amor é criativo, e assim também o é quem ama, pois o sentido está sempre além. De forma transcendente, pela fé, ao saber que o CRIADOR – cuja identidade é amor – nos deu a oportunidade de ter esta mesma identidade, nos fazendo sua imagem e semelhança (Gn 1, 27), podemos então afirmar que o ser humano é, em sua essência, amor.

A força do amor reside em seu mistério, que está mais alinhado com o ser do que o ter. Se somos amor por graça e dom do CRIADOR, à medida que nos relacionamos oferecemos ao outro um pouco de nós, numa doação contínua de nosso ser. O grande desafio do ser humano é voltar a essa origem criacional, retomando sua própria identidade – que é a de ser amor. O CRIADOR é todo amor e se oferece continuamente a nós. E assim nos convida a repetir esse movimento contínuo de amar e se deixar amar.

O amor também é algo que não se explica, é vivência, é experiência, atitude. O amor cura as maiores feridas humanas. Essas, por sua vez, são geradas pelas catastróficas consequências do desamor, já que aquele que fere, na maioria das vezes está ferido.

Amar se apresenta como a jornada mais empolgante na qual estamos inseridos, uma viagem cheia de surpresas, que permite ao ser humano “ver e sentir o mundo” na perspectiva de DEUS. Em um mundo de tantas tecnologias e facilidades na aquisição de recursos, nada foi capaz de substituir esse nobre sentimento que somente o ser humano possui e que pode oferecer de maneira gratuita. Sem amor nos sentimos carentes; sem amar nos sentimos atrofiados, secos por dentro.

O livro *Reflexões sobre o amor e sobre os demais sentimentos humano* traz a oportunidade de repensar a vida e

retomar o que há de mais essencial nas relações humanas e ao mesmo tempo impulsiona a uma viagem sem volta para dentro de si, na descoberta inesgotável da riqueza que cada ser humano traz consigo. Implícito em cada ser humano está o desejo de amar e ser amado, e justamente o amor que lhe dá o sentido último de sua existência. JOÃO define Deus como *amor* – Deus é amor (Jo 4,8). O amor é o mistério ao qual menos se explica e mais se experimenta.

REIS FRIEDE, cujo histórico nos encanta e se faz impossível não admirá-lo, conduz essa viagem com maestria, competente exímio em sua profissão, sem deixar de lado família e amigos. Sua vasta experiência com os temas mais sensíveis da humanidade, adquirida com anos de trabalho de escuta, aliado ao seu olhar aguçado à realidade, culminam em um texto ao mesmo tempo leve e profundo, que capta a atenção do leitor e sobretudo desperta para a necessidade de repensar a própria vida em uma nova dimensão.

Atualmente há um risco de sermos inseridos na rotina de sucessivas atividades e procura desenfreada pelo sucesso, focado na maioria das vezes no puro materialismo de conquistas tão efêmeras; o amor traz a resposta silenciosa capaz de transformar cada indivíduo. A experiência do amor supera a paixão. Esta se limita a uma busca provisória de satisfação, ao passo que aquela permite o desenvolvimento pleno do potencial humano, ao qual cada um foi chamado a ser, expandindo-se e tornando-se mais que um mero corpo, transcendendo o tempo e o espaço, alcançando a eternidade.

Sendo assim, a jornada que este livro oferece é a grande oportunidade de resgatar em cada um a grande ori-

gem, retomar o sentido e saber que o amor nos ensina sobre a plenitude, pois o amor é mais forte que a morte. Quando alguém se propõe a amar, suas limitações ficam quase que escondidas. Seus gestos de constante amor revelam-na como a mais plena dos seres humanos. Ao deparar com este sentimento, que se traduz em constantes atitudes, podemos afirmar que o amor salvará a humanidade.

Rio de Janeiro, 18 de novembro de 2019.

**Frei Paulo Batista**

*Diretor do Hospital São Francisco  
na Providência de Deus*

## Prefácio

O homem é um viajante da eternidade. Carrega na sua intimidade as conquistas milenares da inevitável evolução e tem o norte inexorável da perfeição na conquista dos valores sagrados da ética existencial.

O sentimento/emoção que impulsiona o ser na sua incrível trajetória é o amor, demonstrado pelos numes tutelares que deixaram na terra as lições e as exemplificações da origem divina do ser e do sentimento pleno e inesgotável que é o amor.

Os textos sagrados revelam que Deus é Amor (I João, 4-8) e a lição crística é a do amor ao próximo, na essencialidade do amor do messias pela humanidade.

Na síntese admirável de O Novo Testamento, a mensagem é universal: “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. Destes dois mandamentos depende toda a Lei e os profetas” (Mateus, 22, 34-40), acrescentando o mestre o mandamento novo: “Que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei” (João, 13, 34-35).

A experiência humana é preenchida por sentimentos, experiências elevadas e, muitas vezes, inferiores, que a obra do eminente Desembargador REIS FRIEDE analisa com rara profundidade, lógica e objetividade, representando um grato convite para que conheçamos todas as nossas potencialidades, posto que, criaturas divinas, recebemos os impulsos do amor, e também da dor, por força da utilização do livre arbítrio na trajetória do desabrochar da centelha divina individual.

As reflexões do eminente magistrado e professor consagrado assinalam a possibilidade da comunhão de todas as crenças, na busca da harmonia superior.

A obra aborda, também, outros temas substanciais na dialética do ser humano, no exame da dor, dos medos e das fraquezas.

O estado de paz que o amor possibilita na conquista da felicidade possível, não pode deixar a realidade de lado, como assinalado pelo poeta Frederico Rueckert:

O coração tem dois quartos:  
Moram ali, sem se ver,  
Num a Dor, noutro o Prazer.  
Quando o Prazer no seu quarto  
Acorda cheio de ardor,  
No seu, adormece a Dor...  
Cuidado, Prazer! Cautela,  
Canta e ri mais devagar...  
Não vá a Dor acordar...  
(Clóvis Tavares; *De Jesus para os que sofrem*, 13ª ed.,  
São Paulo: Ide Editora, 2010, p. 27).

Também, o mestre REIS FRIEDE analisa o tema da morte, na composição da vida, irrigando sua visão com os laços da superioridade da visão finalista da saga humana.

Vem a exame o singular texto de Leôncio Correa, ao enfrentar no equilíbrio do justo, uma faceta da vida:

Minha morte – presumo – deverá ser serena e bela. Serena, porque chego ao termo da jornada sem sobressaltos dolorosos de consciência. Bela, porque não a receberei como um castigo, mas sim

como uma graça de Deus. Serena, porque nunca invejei, nunca odiei, jamais caluniei, nunca persegui ninguém. Bela, porque nela diviso um traço luminoso que se estende entre dois mundos infinitos. Serena, pela certeza que tenho de que é ela, na última página da Vida, não um ponto final, mas ligeira vírgula de um período do livro que jamais se fecha. Bela, porque os últimos movimentos dos meus lábios, neste mundo, valerão por uma prece de gratidão ao Criador (Malba Tahan; *Sob o olhar de Deus*, Rio de Janeiro: Editora Conquista, 1963, p. 8).

Na aridez dos tempos que correm, as reflexões desta oportuna obra convidam ao exame do amor, alimento maior das nossas existências, no grave contexto a que a sociedade encontra-se submetida.

A pena habituada aos desafios decisórios e aos ensinamentos profundos, agora orienta percepções arrojadas, na compreensão do sentido do destino humano nas trilhas do infinito.

A riqueza da obra do eminente jurista mostra a necessidade da visão de profundidade da complexidade humana, que levou Gandhi a acentuar:

Para ver face a face o Espírito da Verdade universal, que tudo permeia, o indivíduo deve amar a mais insignificante criatura como a si próprio. E um ser humano que quer chegar a isso não pode permanecer fora de nenhum campo da vida (Mohandas K. Gandhi; *Minha vida e minhas experiências com a Verdade*, 8ª ed., São Paulo: Editora Palas Athena, 2014, p. 428).

Convidados pelo professor REIS FRIEDE ao otimismo, nestes dias de indagações, poderíamos dizer:

Na Terra se apresenta a dor,  
Banhada de aflição,  
Mas, em todo coração,  
Nunca desespera o Amor!

Rio Bonito, 13 de janeiro de 2020.

**Carlos José Martins Gomes**  
*Desembargador do Tribunal de Justiça  
do Estado do Rio de Janeiro*

## CAPÍTULO I

### Sobre o amor: o mais sublime sentimento humano

#### 1. O amor e seu correspondente poder

O amor é o mais sublime *sentimento* humano e um especial presente que Deus nos outorgou. Não é por outra razão que Cristo, em Sua curta jornada terrena, fez questão de nos dar o exemplo do Seu amor, para, acima de tudo, lembrar que Deus nos ama sempre e incondicionalmente.

Somente o amor é capaz de se contrapor à insignificância existencial humana (Reis Friede; fragmento de palestra proferida na Aula Magna da Universidade Santa Úrsula, Rio de Janeiro, em 25 de abril de 2019).

Porém, mesmo com toda a força desse magnífico exemplo, os seres humanos continuam a confundir os sentimentos do *amor* e da *paixão*. Paixão é uma simples e efêmera reação química com direito, inclusive, a uma certa dose de adrenalina. Amor, ao reverso, é um *encontro de almas*; é a cristalização de Deus em nossos corações, constituindo-se, pois, na única e verdadeira *riqueza* que nosso desmedido egoísmo tem constantemente impedido que reconheçamos.

Apaixonar-se é (atribuir a outro ser) [...] (artificialmente) um deus infalível (Jorge Luís Borges, 1899-1986, escritor argentino; citado no livro *Em defesa do amor*, de Cristina Nehring, Rio de Janeiro: Editora Best Sellers, 2012).

O amor também se diferencia da paixão na exata medida em que, no primeiro caso, deixamos de nos colocar na posição de *protagonista*, para nos guiarmos exclusivamente para a satisfação de outrem (abrindo mão, inclusive, do bem mais valioso que possuímos, que é a nossa própria vida), ao passo que, na segunda hipótese, nos guiamos pelos nossos próprios interesses, ainda que procurando satisfazer outrem, em função do receio que temos de perder uma fonte de grande satisfação, realização e prazer pessoais.

Quando amamos, em certa medida, também nos *anulamos* (positiva e evolutivamente) como seres individuais; mas compensamos, com grandes benefícios, essa aparente contrariedade, posto que nos aproximamos do Criador, conferindo *significado e beleza* a nossa própria existência; e, mais do que isso, inaugurando a descoberta da verdadeira compreensão do *sentido* da vida.

*A salvação* só é atingida quando se constrói relacionamentos sólidos, baseados no *amor* e na compreensão das diferenças e dos limites de cada um (Hertzfel *apud* Sonia Nikui; resenha do livro *A cura de Schopenhauer*).

Entretanto, quando nos apaixonamos, de forma completamente distinta, apenas celebramos (ainda que de uma forma muito bem camuflada e, na maioria das vezes, até mesmo inconsciente) nosso profundo *egocentrismo*, a

permanentemente nos fazer cobrar (e até mesmo exigir) uma necessária reciprocidade em relação as nossas ações, que se apresentam aparentemente direcionadas por um pseudossentimento altruístico de amor, quando, em essência, apenas orbitam nossos mais mesquinhos e arrogantes interesses pessoais.

Nesse sentido, também, vale acrescentar que quem *ama* (em sua essência) – e não apenas se *apaixona* – não se permite desempenhar o odioso e incompatível papel de carcereiro, considerando que, no contexto do verdadeiro amor, incumbe ao ser amado, única e exclusivamente, o atributo da fidelidade.

Nunca devemos julgar as pessoas que amamos. O amor que não é (altruístico), não é amor (Honoré de Balzac, 1799-1850, escritor francês).

Não podemos mudar quem fomos (e de onde viemos), mas certamente podemos sempre escolher quem almejamos ser<sup>1</sup> (e para onde desejamos ir); e, com toda a certeza, o único e verdadeiro instrumento para alcançar tais objetivos, independentemente de meridianos e paralelos, e transcendendo a todas as crenças e barreiras culturais, chama-se amor, palavra dotada de uma inquestionável universalidade.

Nós não podemos mudar o passado, por mais terrível que ele tenha sido, mas, com certeza, podemos (constantemente) construir um futuro maravilhoso, por mais que isso possa parecer impossível no presente; sendo certo que o nome dessa fonte transformadora mágica responde pelo simplório nome de amor (Reis Friede; fragmento de palestra proferida

na Aula Magna do Curso de Direito da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais de Igarassu, em Maranhuaçu, Minas Gerais, em 28 de março de 2019).

Portanto, o singular e autêntico poder real de transformação e evolução humana possui – não obstante todas as tentativas de se estabelecer novas designações – apenas um singelo nome: amor.

[...] O poder verdadeiro é o amor; o amor que eleva os outros, o amor que suscita iniciativas, o amor que nenhuma corrente pode prender, porque o amor é capaz de se fazer presente mesmo na cruz ou em um leito de morte. Ele não pede beleza juvenil, reconhecimento ou aprovação, dinheiro ou prestígio. Ele simplesmente flui e é irrefreável. [...] (Papa Francisco; “O poder verdadeiro é o amor”, homilia, 25 de maio de 2012).

Nesse aspecto, é também oportuno registrar que aceitamos sempre o amor que acreditamos merecer.

Cada um tem a vista da montanha a que se propõe a subir (Ícaro Fonseca).

Assim, é fundamental que ouçamos apenas o *coração* (onde se encontra a voz do Criador)<sup>2</sup>, impedindo que nossa (muitas vezes estúpida) *racionalidade* nos indique os equivocados atalhos que apenas nos conduzem à tristeza e à melancolia – e até mesmo, em situações extremas, ao ódio e ao *desamor* –, em desfavor do caminho correto e seguro – e necessariamente distante do *medo* e da *insegurança* –, que nos direcione, de forma firme e derradeira, a uma vida plena e feliz.

O ódio e o *medo* são as mais sombrias emoções humanas (Rosiska Darcy de Oliveira; “O ódio, o medo e a mentira”, *O Globo*, 16 de junho de 2018, p. 14).

Amor, portanto, é, em última análise, o único e verdadeiro objetivo finalístico a ser persistente e permanentemente perseguido para conferir um real e satisfatório *significado* à existência humana<sup>3</sup>.

A busca e a conquista do amor é o único propósito que confere sentido à vida; somente depois que conhecemos o amor nos damos conta da mediocridade de nossa existência anterior (Reis Friede; fragmento de palestra proferida na Aula Magna do Curso de Direito do Centro Universitário Augusto Motta – UNISUAM, Rio de Janeiro, em 21 de março de 2018).

Somente quando estamos amando percebemos que somos muito mais fortes do que imaginamos. Somente o amor faz a vida valer a pena (Ibidem).

Braden<sup>4</sup> afirma que “o *amor* também exprime mais que um simples *sentimento*: é uma *emoção* que se traduz necessariamente em *energia* que, por sua vez, possui o poder de nos conduzir na direção desejada”. Para o festejado pesquisador, que estudou os manuscritos essênios, descobertos nas Cavernas de Qumran, no Mar Morto, em 1946, particularmente o Grande Código de Isaías, existem sempre vários *futuros* possíveis para cada momento de nossas vidas, e pelos quais sempre podemos optar (consciente ou inconscientemente) por meio de nossas emoções.

Portanto, como bem explica Tasis<sup>5</sup>, sendo a vida descrita simbolicamente como uma *linha*, onde uma das pontas é o *nascimento* e a outra a *morte*, o que fazemos durante estes dois pontos é o que realmente possui relevância. Refletir sobre a própria finitude de nossa existência terrena (ou seja, sobre a morte) é o que permite efetivamente transformar nossas vidas e *ressignificar* tudo aquilo que nos rodeia<sup>6</sup>.

A morte é o poder mais destrutivo que o gênero humano foi capaz de conhecer. Ela simplesmente elimina tudo e todas as coisas, com uma sede cruel e insaciável.

Porém, existe algo que a morte, apesar de sua incrível pujança, é simplesmente incapaz de suprimir. Trata-se de uma força tão poderosa, imanente ao DNA do Criador, que é eternamente invencível e que universalmente responde pelo simplório nome de amor.

Destarte, o amor que nós recebemos, o amor que conferimos a outrem, e mesmo o amor que deixamos de dar (mas que ainda assim ostentamos a real vontade de outorgar) são projeções de uma potencialidade vital, reconhecidamente indestrutível.

Se é fato que a vida é incerta, em contraposição com a morte, que é sempre certa, por que não assentir (e, acima de tudo, celebrar) a singular capacidade do amor de ser eterno e, nessa especial condição, trafegar, sem cerimônia (e, portanto, sem pedir licença a quem quer que seja), em ambas dimensões de nossa concepção existencial, sobrevivendo tanto na vida como na morte, e, mais especificamente, no seio de nossas almas imortais? (Reis Friede; fragmento de palestra proferida na Aula Magna do Curso de Mestrado em Desenvolvimento Local do

Centro Universitário Augusto Motta – UNISUAM,  
Rio de Janeiro, em 15 de fevereiro de 2019).

E, nesse sentido, é o amor a única *emoção* passível de nos indicar o melhor caminho a ser trilhado, concebendo, dentre os vários futuros possíveis, aquele que, de fato, é o corretamente almejado para nos prover a *felicidade* a que todos nós fazemos jus e que nosso Criador, não obstante o *livre arbítrio* concedido, torce para que todos os seres humanos (ou seja, seus filhos queridos) venham a alcançar.

Nunca é por demais lembrar que a verdadeira grandeza humana se encontra nos gestos mais simples. São as pequenas coisas que nos fazem grandes (Reis Friede; fragmento de palestra proferida na Aula Magna do Curso de Direito do Centro Universitário Augusto Motta – UNISUAM, Rio de Janeiro, em 21 de março de 2018).

Entretanto, é preciso reconhecer que o amor também possui variadas *leituras* e distintas *definições* (ainda que apenas diferentes em seu contexto formalizante), sendo certo que, em todas elas, resta conclusiva (explícita ou implicitamente) a necessidade de sua conquista, posto que o amor jamais pode ser obtido por meio de um simples desejo egoístico ou mesmo de forma impositiva.

O amor é como a fé, jamais pode ser obtido pela força (Arthur Schopenhauer, 1788-1860, filósofo alemão, *Do Amor*).

Como bem lembra Émile-Auguste Chartier, amar é “descobrir a nossa própria *riqueza*”.

Segundo Benjamin Disraeli, “nascemos para amar; o *amor* é o princípio da *existência* e sua única *finalidade*”.

Santo Agostinho recorda, oportunamente, que “a medida do *amor* é amar sem medida”, sendo certo, como ensina o cristão William Shakespeare, que “o amor pobre é aquele que se pode e se consegue *mensurar*”.

Se, por um lado, ser amado por alguém nos dá *força*, amar alguém nos outorga a *coragem*<sup>7</sup>, outra grande virtude tão bem apreciada pelo nosso Criador.

Albert Einstein esclarece que “se um dia tiver que escolher entre o *mundo* e o *amor*, lembre-se: se escolher o *mundo* ficará sem o *amor*, mas se escolher o *amor*, através dele conquistará o *mundo*”.

Madre Teresa de Calcutá, em sua infinita sabedoria, afirma que “quem julga as pessoas não tem tempo para amá-las”.

É sempre oportuno, e nunca é por demais lembrar e registrar, que *gostar* de alguém – ou mesmo se *apaixonar* – pode ser *imediat*o, instantâneo e, neste sentido, necessariamente *efêmero*. *Amar*, entretanto, é (sempre e objetivamente) uma *concessão*; é uma *edificação* que nos permitimos, a partir de fundações que se estruturam com o passar do tempo, *erguer* e, com toda a força de nossos mais sublimes sentimentos, *conservar*.

Nessa linha de raciocínio, é imperioso reconhecer que o amor é um sentimento de ampla permanência que se exterioriza de forma incondicional e, portanto, não pode sofrer qualquer tipo de pressuposto, consoante as próprias lições que Cristo (e tantos outros importantes profetas, reconhecidos pelas mais diversas religiões) soube muito bem transmitir para toda a humanidade.

Não é por outra razão que sempre é correto afirmar que o amor dispensa qualquer suposta imprescindibilidade das *instituições* (ainda que estas possam ser importantes instrumentos de irradiação do amor) e, sobretudo, *títulos* (esposa, filhos, pais etc.). Mas, em contrapartida, ele exige um imprescindível *protagonismo*; afinal, amamos, sempre e necessariamente, *seres especiais*, ou seja, o gênero humano<sup>8</sup>, obra-prima de Deus.

O amor também é eterno. De fato, mesmo que a pessoa amada deixe de existir no mundo físico, o *amor* que nutrimos por ela sempre irá prosperar, posto que tal sentimento necessariamente transcende a esta inerente limitação para adentrar no mundo espiritual.

Jamais podemos nos esquecer que somos essencialmente *espíritos* vivenciando uma oportuna experiência *humana*, e não propriamente *humanos* existindo terrenamente através de uma experiência espiritual (Pierre Teilhard de Chardin; *Mundo, homem e Deus* – Textos selecionados e comentados por José Luiz Archanjo, 2ª ed., São Paulo: Editora Cultrix, 1980).

O amor, igualmente, exige uma certa dose de *percepção*, transcendendo a limitada e pouco entendida questão das “preferências humanas”<sup>9</sup>. É preciso estar sempre atento para *enxergar* e *interpretar* corretamente a sua presença. Muitas vezes ele está ao nosso lado (e ao alcance de nossos olhos) e simplesmente não o vemos, apenas e tão somente porque não estamos abertos para percebê-lo<sup>10</sup>. Destarte, é importante destacar que Cristo foi muito habilidoso em demonstrar a importância da *fé* e da *crença*<sup>11</sup>, particularmente no *amor* (ou, em termos mais precisos, a partir do amor); seja o amor a Deus, seja o

amor ao próximo. Afinal, não se pode conceber a possibilidade de *amar* sem que se acredite no *amor*.

Sempre devemos ouvir o coração, posto ser esse a única e verdadeira garantia que temos para alcançar a verdade absoluta, desnudando as armadilhas que a mente e todo o nosso arcabouço racional podem camuflar; lembrando que aquilo que aparenta ser mentira pode ser a verdade, e somente o coração (onde se encontra o espírito do Criador) tem o efetivo poder de revelar (Reis Friede; fragmento de palestra proferida na Aula Magna do Curso de Direito do Centro Universitário Augusto Motta – UNISUAM, Rio de Janeiro, em 21 de março de 2018).

O amor, outrossim, é algo que não pode ser percebido pelos nossos limitados cinco sentidos básicos. Significa dizer que o amor é translúcido aos olhos, é inaudível aos ouvidos, é imaterial ao tato, além de imperceptível ao paladar e inodoro ao olfato. Entretanto, ao mesmo tempo, e de modo contraditório, ele é inabalavelmente real – não obstante invisível e silencioso – e sutilmente compreendido e assimilado pela conjugação simultânea de todos os cinco sentidos ou, para muitos, pelo que se convencionou chamar de *sexto sentido*, sendo, em geral, celebrado através da concessão de *presentes*, e não por meio de simples *recordações*<sup>12</sup>.

Curioso observar que historicamente os romanos, perdoados pelo amor infinito de nosso Criador, pretendiam fazer de Cristo um *exemplo*, mas acabaram por transformá-lo em uma *inspiração*, tornando-o, em última análise, verdadeiramente imortal.

[...] Aquele Jesus que era fraco e insignificante aos olhos dos políticos e dos poderosos da Terra revolucionou o mundo (Papa Francisco; “O poder verdadeiro é o amor”, homilia, 25 de maio de 2012).

Por fim, nunca devemos nos esquecer que nosso Criador, através de Cristo (e de tantos outros emissários<sup>13</sup>) não nos pediu muito. Ele só pediu que humildemente amássemos uns aos outros. Ele mostrou, em última análise, o caminho do amor para a superação de nossas angústias e o aperfeiçoamento e desenvolvimento de nossa humanidade e, fundamentalmente, para a almejada conquista do Reino dos Céus.

Quanto maiores somos em humildade, tanto mais próximos estamos da verdadeira grandeza e do genuíno amor (Rabindranath Tagore, 1861-1941).

## **2. O amor e a mentira**

É, e sempre será, muito difícil definir com precisão tanto o sentimento do amor como a ideia que elaboramos a respeito daquilo que se convencionou denominar por mentira.

Todavia, no que concerne à percepção pessoal que temos sobre a *mentira* (à luz da presença real do *amor*), não pode haver qualquer dúvida de que é sempre preferível sermos (ou acreditarmos ser) enganados (ou, em outros termos, sermos, ou acreditarmos ser, injustiçados), em lugar de efetivamente enganarmos (ou seja, praticarmos uma injustiça), pois é melhor (tanto para o enriqueci-

mento de nosso coração, como para a saúde de nossa própria consciência) comungarmos com a posição da *inocência* da *vítima* (e, portanto, daquele que terá o poder de decidir pela concessão do perdão) do que com a profunda e vergonhosa *maldade* do *algoz* (que sempre terá o ônus de ter que alcançar o verdadeiro arrependimento e de se submeter à correspondente discricionariedade de um dia poder ser objeto do perdão humano, uma vez que o de natureza divina lhe estará sempre assegurado).

Afinal, não pode haver nenhum motivo de vergonha em permanentemente procurarmos *evoluir* e, por consequência, nos tornarmos seres superiores, providos do mais sublime sentimento do amor. Contudo, em sentido diametralmente oposto, sempre será motivo de profunda vergonha (e, assim, de reveladora inferioridade humanística) procedermos de forma contrária.

Nunca é demais lembrar que somente existem dois diferentes sentimentos possíveis: o amor e seu contraponto, a ausência do amor. E o *absenteísmo do amor* é sempre e comumente traduzido pelo paralisante sentimento do medo, pela normalmente descabida e indigna desconfiança e, sobretudo, pela permanente e desconfortável sensação de insegurança, porque simplesmente reflete o que não conseguimos *ter* ou *obter*, que é, em última análise, a real e necessária percepção do verdadeiro amor e sua correspondente serenidade e almejada felicidade. E, neste sentido, é sempre oportuno registrar que sempre existe, por obra da infinita generosidade do Criador, a *esperança*, posto que, como o *amor* é sempre um ato *concessivo*, a nós sempre será facultada a extraordinária possibilidade de mudar o nosso *comportamento* e a nossa forma de *agir* e *pensar* e, acima de tudo, abrir

os nossos corações em direção a esse sublime e sagrado sentimento.

Por esse conjunto de razões, jamais devemos confundir a mentira com a mais sagrada *prerrogativa* que temos de não revelar toda a *verdade*, sobretudo quando esta é reveladora dos nossos mais íntimos erros e equívocos (e que, ao custo de muito sacrifício e sofrimento, foram misericordiosamente perdoados pelo Criador) e que, desse modo, pertence, exclusiva e necessariamente, ao nosso mais elementar *direito* à privacidade existencial.

Cabe ressaltar, por oportuno e em necessário esclarecimento adicional, que, apesar de vista por muitos como um *ato pecaminoso*, não é propriamente a mentira<sup>14</sup> que se constitui em *pecado* (e nem é o mentiroso que automaticamente se transforma em pecador); é a *intenção* (ou, em outros termos, a *motivação*) por detrás da expressão não verdadeira que pode ou não se traduzir, em última análise, em genuíno e desprezível *ato pecaminoso*.

Deixamos de amar alguém quando já não lhe mentimos para parecer piores ou melhores (Silvina Ocampo, 1903-1993, escritora argentina; *Ejércitos de la Oscuridad*, Buenos Aires: Editora Sudamericana, 2008).

Se assim não fosse, a *mentira protetiva*, expressa em ato de extrema bondade – e provida do mais sublime sentimento do amor –, e em exclusivo benefício de terceiras pessoas (e, portanto, construída pelo digno ato de amor ao próximo), seria considerada, ainda que por completo absurdo, um *pecado*, quando, em essência, ela reconhecidamente constitui um ato de louvável *doação*. É o caso, por exemplo, de grandes seres humanos que,

com o único intuito de proteger a vida de judeus durante a odiosa perseguição nazista na Segunda Guerra Mundial, mentiam para as forças policiais alemãs, afirmando desconhecer o paradeiro de seres humanos implacavelmente perseguidos pela simples condição de sua crença ou religiosidade.

Por outro lado, é curioso notar que, muitas vezes, a verdade também pode ser fruto de *pecado*, quando, na sua exata medida, objetiva, ante a ausência do amor, destruir a felicidade ou a própria vida de outros seres humanos, pelas mais odiosas, perversas e inconfessáveis motivações, dentre as quais um ou mais dos famosos *sete pecados capitais* (*gula, avareza, luxúria, ira, inveja, preguiça e vaidade*).

Portanto, devemos procurar ser sempre muito condescendentes, compreensivos, tolerantes, indulgentes e, igualmente, generosos – até porque a bondade é uma expressão virtuosa do amor – no julgamento que, consciente ou inconscientemente, fazemos em relação aos demais seres humanos, especialmente aqueles que amamos (ou que, ao menos, consideramos dignos mercedores de nosso amor) e até mesmo para com a nossa própria pessoa, pois também devemos e merecemos nos atribuir o direito ao *autoperdão*, mormente quando, através de Sua infinita bondade, o próprio Criador nos perdoou.

### **3. O Cristo de nossos corações**

O Natal é uma época de festas e alegria. Porém, poucos lembram que é também – e muito mais importante – a celebração do nascimento de Alguém que diz

respeito a todos nós, sem qualquer exceção, na exata medida que Ele nos aceita e reconhece como filhos, sem que tenhamos que necessariamente aceitá-lo e reconhecê-lo como Pai.

Esquecê-lo é simplesmente negar nossas próprias *origens* e nossa *humanidade*, ou, em outras palavras, nossa própria *essência*.

Mas também é importante lembrá-Lo como Ele realmente é; independentemente das diversas crenças e religiões e de todo e qualquer tipo de intermediário. O Cristo verdadeiro é também o Cristo desconhecido, ou, nas palavras de Norberto Keppe (*A Glorificação*, 2ª ed., São Paulo: Editora Proton, 1987), “o Deus ignorado, o senhor da Terra, dos Planetas e das Estrelas, o dono do Universo e de tudo o que existe”. O Deus que não se resente das diversas formas como é lembrado e dos mais diferentes nomes pelos quais é chamado. O Deus “que não tem mancha alguma de erro ou dolo e que representa a total felicidade e alegria, que nossa desmedida inveja nos impede de perceber”, e que, na imensidão de Sua generosidade, veio à Terra, em infinitas percepções, para que ninguém fosse privado do privilégio de poder senti-Lo e também para mostrar que vivemos em um único Reino, que, embora originalmente seja Seu, Ele o transformou, através de sua generosidade, em nosso.

“A mensagem de maior otimismo que a humanidade recebeu, portanto, foi reconhecidamente a de Cristo”, independentemente das variadas maneiras de sua exteriorização em nossos corações. “É incrível como Ele venceu, com a maior facilidade, tudo aquilo que mais angustia o ser humano” – ao mesmo tempo em que demonstrou Seu infinito amor –, “considerando-nos seus filhos e

herdeiros (donos, como Ele) de tudo que Ele criou” e, o mais importante, é que “Ele fez tudo isso porque simplesmente nos ama, de modo incondicional, sem desejar absolutamente nada em troca”.

Será que não podemos esquecer, apenas por um dia, nosso egoísmo e celebrar em nossos corações, nesse dia tão especial, o Seu aniversário?

# Notas complementares

## 1. A essência do ser humano

Os seres humanos são tudo aquilo que dizem sobre eles; são seres dotados de uma incrível capacidade de fazer o mal, matando os seus semelhantes, inclusive de forma coletiva e genocida, e destruindo o próprio meio ambiente, do qual eles são parte integrante e indissociável.

Porém, a verdade é que os seres humanos são muito mais do que aquilo que se diz sobre eles, ou, em outros termos, que se lhes atribui. Contraditoriamente, eles também são seres capazes de realizar autênticos sacrifícios, alguns deles considerados até mesmo extraordinários, como dar a própria vida (na qualidade do maior bem que ostentam) por terceiros, inclusive por pessoas completamente desconhecidas, em nome de um sublime sentimento chamado *amor*, e que, de uma certa maneira, confere a única e excepcional qualidade humana à obra-prima de Deus, ou seja, ao homem.

## 2. A voz do silêncio

O amor é silencioso, mas pode ser enganoso na *escuridão*, que igualmente não emite sons, razão pela qual é fundamental ouvir o *sonido do coração*, e jamais se contentar com a *voz do silêncio*.

Olá, *escuridão*, minha velha amiga: vim conversar com você de novo, porque uma visão suavemente arrepiante deixou suas sementes enquanto eu dormia. (E esta), ainda permanece (no) *som do silêncio* [...] Pessoas falando sem dizer; pessoas ouvindo sem escutar [...], (e apenas) sussurrando no som do silêncio (Paul Simon; *The Sound of Silence*, Simon and Garfunkel, 1964).

### 3. O amor e o arrependimento

A vida é muito curta para acordar com *arrependimentos*. Ainda assim, é sempre preferível arrepender-se pelo que foi feito e não pelo que se deixou de (e poderia) ter sido realizado. Portanto, na dúvida, é sempre preferível o “positivo” ao “negativo”, oportunizando, assim, as infinitas possibilidades que a vida nos reserva. O amor, independentemente de traduzir o que de melhor pode nos acontecer, é, e sempre será, uma dessas possibilidades. Desse modo, jamais permita que, por simples medo ou receio de se arrepender, deixe escapar as oportunidades do amor:

Ame as pessoas que te tratam bem. Ame, também, àqueles que, mesmo distantes, lhes são caros. Acredite que tudo acontece por uma razão. Se tiver uma segunda chance, agarre com as duas mãos. Se isso mudar sua vida, deixe acontecer. Beije devagar e perdoe rápido. Deus nunca disse que a vida seria fácil. Ele simplesmente prometeu que daria a todos nós, no contexto de nosso livre arbítrio, a chance de fazê-la valer a pena (Autoria desconhecida).

### 4. Teoria quântica e matriz divina

Gregg Braden é um estudioso e pesquisador da *Teoria Quântica* (desenvolvida pelo físico alemão Max Planck, em 1944), que, em síntese, defende a existência da denominada Matriz de Planck, que seria a *Matriz Divina*, fulcrada em nossos *sentimentos e emoções*.

### 5. Existencialismo

Theofanis Tasis é um filósofo e físico grego que se dedica ao estudo do Existencialismo na Universidade Livre de Berlim.

## 6. A descoberta das cores

Quando o homem descobre que existe algo além do que se convencionou denominar como certo ou errado – um grandioso conteúdo, verdadeiro e substantivo, entre os dois extremos –, ele descortina, em última análise, um amplo, formidável e importantíssimo espectro no extenso intervalo que divide o preto e o branco, encontrando, assim, as cores (e sua correspondente essência) e, portanto, o verdadeiro colorido que confere honestidade e relevância à vida, bem como os diversos matizes concernentes às várias e consistentes etapas da própria evolução humana, que nos conduzem, por fim, à sabedoria e à magnanimidade infinita do Criador.

## 7. A importância de se ter alguém para amar

Se *amar* e ser *amado* constituem algo fundamental, não se deve ter dúvida quanto à resposta a ser dada a um secular questionamento: “*O que é pior? Perder alguém que se ama ou não ter simplesmente ninguém para se perder?*”.

## 8. A grandeza do ser humano

Não obstante a existência de um histórico de profunda crueldade humana, é fato que somente um ser humano pode salvar a vida de outro; apenas um ser humano pode ajudar outro ser humano e só um ser humano pode trazer alegria e felicidade, provendo significado e beleza, à vida de outro ser humano.

Não és bom, nem és mau: és triste e humano...  
Vives ansiando, em maldições e preces [...]  
Oscilas entre a crença e o desengano,  
Entre esperanças e desinteresses.  
Capaz de horrores e de ações sublimes,

Não ficas com as virtudes satisfeito,  
Nem te arrependes, infeliz, dos crimes:  
E no perpétuo ideal que te devora,  
Residem juntamente no teu peito  
Um demônio que ruge e um deus que chora  
(“Dualismo”, poema publicado no livro *Tarde*,  
de Olavo Bilac, em 1919).

## 9. As preferências humanas

É inquestionável que cada um dos seres humanos possui as próprias *preferências*; se elas são ou não éticas e moralmente corretas, tal aspecto torna-se irrelevante em face dessa efetiva e imutável realidade. De fato, deixar de reconhecer esse fenômeno é tão ingênuo quanto acreditar que o ser humano constitui um ser perfeito.

Entretanto, o sentimento do amor, que também é uma realidade concreta e efetiva (e, portanto, não simplesmente imaginária), ainda que de uma certa maneira invisível, é uma derradeira resposta a esse dilema e a essa contradição.

Nesse sentido, vale o seguinte exemplo traduzido por um simples diálogo entre um pai e uma de suas duas filhas, conforme muito bem representado no filme *Encontro Marcado*, protagonizado por Anthony Hopkins e Brad Pitt, e produzido em 1998. Na cena, o personagem (William Parrish) vivido por Hopkins depara-se com uma afirmação de sua filha mais velha, que lhe diz entender perfeitamente a preferência do pai pela mais jovem (de nome Susan, personagem da atriz Claire Forlani). Em seguida, em tom de absoluta concordância com esse fato, ela declara ao pai: “Mas você é o meu preferido; e para mim isso já é o suficiente”.

A sabedoria dessa afirmação encontra-se na inexorável constatação de que a racionalidade humana é simplesmente inócua nesses casos, tendo em vista se tratar de uma questão pertinente à exclusiva esfera de influência do coração, em relação ao qual não exercemos qualquer tipo de controle.

## 10. Das histórias de amor na ficção e na realidade

Muitas pessoas se deleitam quando assistem a histórias de amor no cinema, desejando que elas fossem desfrutadas em suas vidas; não percebem, entretanto, que, em sua existência real, enredos muito semelhantes estão a acontecer, real ou potencialmente, neste exato momento. Optam, conscientemente ou não, em viver o *sonho*, ao invés de desfrutar da *realidade* do amor que, na maioria dos casos, está ao seu lado, ou muito próximo.

## 11. A aposta de Pascal

Sobre a crença em Deus, vale consignar a chamada *Aposta de Pascal*, que se traduz, em síntese, por uma proposta argumentativa de filosofia apologética criada pelo filósofo, matemático e físico francês do século XVII, Blaise Pascal. A aposta postula que há mais a ser ganho pela suposição da existência de Deus do que pelo *ateísmo*, e que uma pessoa racional deveria pautar sua existência como se Deus existisse, mesmo que a veracidade da questão não possa ser conhecida de fato.

Pascal formulou a questão em um contexto cristão, e foi publicada na seção 233 do seu livro póstumo *Pensées (Pensamentos)*. Trata-se, historicamente, de um trabalho pioneiro no campo da *Teoria das Probabilidades*, tendo registrado o primeiro uso formal da *Teoria da Decisão*, e antecipado filosofias futuras, tais como o *Existencialismo*, o *Pragmatismo* e o *Voluntarismo* [Alan Hájek: “Pascal’s Wager”, *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Stanford: Center for the Study of Language and Information (CSLI), Stanford University, 1998].

A proposta de Pascal tem a seguinte formatação:

- Se você acredita em Deus e estiver certo, você terá um ganho infinito.
- Se você acredita em Deus e estiver errado, você terá uma perda finita.

- Se você não acredita em Deus e estiver certo, você terá um ganho finito.
- Se você não acredita em Deus e estiver errado, você terá uma perda infinita.

Pascal referenciou a dificuldade da *razão* posta para a *crença genuína* propondo que “agir como se acreditasse” pudesse “curar da descrença”:

Mas ao menos reconheça sua incapacidade de acreditar, já que a razão te trouxe a isto, e você não consegue acreditar. Esforce-se para convencer a si mesmo, não através de mais provas de Deus, mas pela redução de suas paixões. Você gostaria de ter fé, mas não sabe o caminho; você quer se curar da descrença, e pede um remédio para isto. Aprenda com aqueles que estiveram presos como você, e que agora apostam todas as suas posses. Existem pessoas que sabem o caminho que você vai seguir, e que se curaram de todas as doenças que você ainda será curado. Siga o caminho através do qual começamos; agindo como se acreditasse, recebendo a água benta, assistindo missas etc. Até mesmo isto vai te fazer acreditar naturalmente, e acabar com sua resistência (*Pensées*; Seção III, nota 233, p. 40, tradução de Rafael S. T. Vieira).

Pascal também propõe que se siga um caminho pelo qual ele próprio já teria passado. Para ele, é possível alcançar uma autêntica *fé* por meio do seu simples exercício.

[...] Mas existe aqui uma infinidade em uma vida infinitamente feliz a se ganhar, uma chance de ganho contra um número finito de chances de perda, e aquilo que você aposta é finito. Tudo é dividido; aonde quer que esteja o infinito, não existe um número infinito de chances de perda contra a chan-

ce de ganho, não há tempo para hesitar, você deve apostar tudo (*Pensées*; seção III, nota 233, p. 39, tradução de Rafael S. T. Vieira).

Deve ser consignado, todavia, que, da mesma forma que existem autores que defendem (e que, portanto, consideram válido) o argumento de Pascal (Jeff Jordan, “Pascal’s Wager Revisited”, *Religious Studies*, v. 34, n. 4, 1998; Geoffrey Brown, “A Defense of Pascal’s Wager”, *Religious Studies*, v. 20, n. 3, set. 1984; Ian Hacking, “The Logical of Pascal’s Wager”, *American Philosophical Quarterly*, v. 9, n. 2, abr. 1972), há, igualmente, aqueles que rotulam a aludida argumentação como inválida [Alan Hájek, “Pascal’s Wager”, *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, Stanford: Center for the Study of Language and Information (CSLI), Stanford University, 1998].

## 12. Presente e recordação

Existe uma diferença muito importante entre *presente* e *recordação*.

Um *presente* representa, de forma fidedigna, um genuíno e incontestado ato de amor. É algo que é dado à pessoa amada com o intuito de, sem qualquer sentimento de egoísmo ou receio de perdê-la, permitir que ela perceba a sua própria importância, tornando-a um ser humano pleno e verdadeiramente autônomo (e, sobretudo, livre), assumindo, em última análise, um poder real de eventual renúncia a qualquer forma de “amarras vinculativas” artificiais e impositivas. Trata-se, enfim, de uma prova incontestável de altruísmo.

A *recordação*, por sua vez, e de modo absolutamente diverso, objetiva, conscientemente ou não, estabelecer, ou mesmo reforçar, uma *dependência afetiva* – e, por essa razão, normalmente associada a emblemáticas datas comemorativas –, eliminando ou, no mínimo, reduzindo o espaço para que o ser amado se liberte de possíveis e veladas “correntes” de aprisionamento relacional, as quais, sutilmente, impedem ou, ao

menos, reduzem a autonomia decisória (e a própria capacidade reflexiva) da pessoa amada em relação ao seu livre arbítrio de manter-se ou não no âmbito de uma união (formal ou informal) com aquele que, por insegurança, egoísmo e até mesmo desespero, se importa muito mais com a sua satisfação pessoal e com o seu bem-estar do que propriamente com a pessoa amada.

A *lembrança*, portanto, longe de configurar um ato autêntico de amor, traduz a celebração de um pretense “encarceramento possessivo”, muitas vezes representado (ainda que por vias transversas) por instrumentos apelativos, de forte impacto emocional, como, por exemplo, placas gigantes com singelas inscrições “eu te amo”.

Feitas as necessárias distinções entre *presentes e recordações*, é oportuno também destacar que as últimas não representam, necessariamente, um ato dotado de um viés doloso e intencionalmente manipulador (e, por consequência, negativo), podendo, muitas vezes, transmitir, ao reverso, um genuíno sentimento de paixão – que não se confunde, entretanto, com a sublime emoção do amor –, ainda que, intencionalmente ou não, seja, em regra, eivado de uma certa dose de egocentrismo e, igualmente, camuflando interesses próprios de satisfação afetiva, em detrimento do bem-estar e da plenitude existencial da pessoa amada.

### **13. A convergência das diversas religiões e crenças no Amor**

Apesar do flagrante absurdo de uma realidade em que se observa a incitação do ódio e da violência por razões religiosas, havendo, inclusive, guerras desencadeadas pelas mesmas motivações, cumpre registrar que inexiste, originariamente, nas doutrinas das mais diversas crenças (e em suas respectivas e corretas interpretações contextuais) um verdadeiro e legítimo espaço para a intolerância, em qualquer de suas diferentes modalidades exteriorizantes.

Ainda assim, vários clérigos (e supostos seguidores de Deus), em nome de uma pretensa superioridade de suas crenças, culturas e tradições, acabam por defender tudo aquilo que não é representativo do Criador (e que, em última análise, acaba por nos distanciar Dele), posto que todas as religiões (e até mesmo as filosofias), sem qualquer exceção – ainda que com nomes e designações diversas (Cristianismo/Cristo; Bahaísmo/Báb; Budismo/Buda; Confucionismo/Confúcio; Espiritismo/Allan Kardec; Hinduísmo/Krishna; Islamismo/Maomé; Jainismo/Mahavira; Judaísmo/Moisés; Sikhismo/Guru Nanak; Taoísmo/Lao Zi; Zoroastrismo/Zaratustra etc.) –, compartilham a única fonte do iluminismo divino, que simplesmente se denomina amor.

Portanto, pouco importam o nome, a forma e a visão humana (caracterizada por ser limitada) que ostentamos em relação ao Criador, sobretudo se considerarmos que a religião (e qualquer filosofia verdadeira), quando não advinda do amor, traduz uma simples seita.

#### **14. O crime e o pecado do homicídio**

A partir de um raciocínio analógico, vale observar que nem sempre o homicídio (“matar alguém”) constitui um crime, uma vez que, quando o agente atua em *legítima defesa* (para proteger a própria vida ou a de outrem contra uma agressão injusta, atual ou iminente), opera-se, na hipótese, a correspondente excludente da ilicitude penal, eliminando-se, da mesma forma, o pecado previsto no sexto mandamento mosaico.



## CAPÍTULO II

# O tempo: o senhor da razão

### 1. A finitude existencial humana

A vida não é apenas finita; dito de uma maneira mais correta, ela é, sobretudo, essencialmente curta.

A vida é mesmo curta ou estamos na verdade (apenas) reclamando de sua finitude? [...] A resposta (definitiva) é que a vida é realmente curta [...] (Paul Graham; “A vida é curta”, *Revista Época*, n. 1.075, 11 de fevereiro de 2019, p. 77-81).

Portanto, simplesmente não há tempo a perder.

Todos os dias quando acordo não tenho mais o tempo que passou [...] Não temos tempo a perder [...] (Renato Russo; *Tempo Perdido*, Legião Urbana, 1986).

Cada dia que nasce é singularmente único e jamais pode ser, de nenhuma forma, repetido.

A bem da verdade, a trilogia estrutural do tempo, nesse contexto, constitui tão somente uma singela obra de convenção, concebida, artificialmente, pela espécie *sapiens*, na exata medida em que as noções de passado, presente e futuro se fundem em uma realidade única, dividida, apenas, pelo livre arbítrio humano.

O passado, por exemplo, nada mais é do que o reflexo de um espaço-tempo inexistente, porém vivamente

incrustado na nossa memória, que, dessa maneira, busca inutilmente reproduzir tudo aquilo que nós gostaríamos, mas que, por alguma razão, deixamos de fazer (realizar ou vivenciar), ou, quando muito, não o fizemos (realizamos ou vivenciamos) na intensidade que desejávamos. Afinal, o tempo jamais retroage e, essencialmente, somente existe em nossas recordações.

Quando nossas *recordações* são mais relevantes que nossas *aspirações*, o processo da morte se instalou e, conseqüentemente, começamos a morrer (Lair Ribeiro).

O futuro, por sua vez, é apenas uma projeção mental do que ainda podemos fazer, realizar ou vivenciar, sempre limitado, entretanto, por determinados fatores: pelas chamadas “janelas de oportunidade” que, por terem sido desperdiçadas, fecharam-se; pelas inerentes restrições da nossa própria fé em relação às aspirações que possuímos ou imaginamos possuir; e, acima de tudo, pela peculiar imprevisibilidade de sua projetada (e imaginada) existência após o transcurso do momento atual.

De fato, o tempo é, por definição, um conceito quantitativamente limitado, independente de qual seja a nossa expectativa de vida, obrigando-nos, assim, a permanentemente recordar que nossa existência terrena é, por natural imposição, sempre passageira.

Nessa linha de raciocínio, refletir sobre a melhor tradução do que representa “aproveitar a vida” revela-se absolutamente fundamental, pois não há qualquer sentido lógico em viver uma vida sem relevância e, sobretudo, sem significado.

O navio não afunda pela água que está ao seu redor. O que pode afundar um navio é a água que invade o seu interior. Portanto, não importam as coisas que estão acontecendo ao seu redor, em torno da sua vida. O que importa é você não permitir que o que está acontecendo invada o seu interior e te coloque para baixo e faça com que sua vida naufrague. Conduza o “barco” da sua vida com coragem, determinação, força e fé em Deus, e serás sempre um vencedor (Reis Friede; fragmento de palestra proferida na Aula Magna da Universidade Santa Úrsula, Rio de Janeiro, em 25 de abril de 2019, referindo-se a uma citação anônima)

Conforme afirma Rainer Maria Rilke, no livro *Briefe an einen jungen Dichter* (*Cartas para um jovem poeta*, em tradução livre), Leipzig, Insel Verlag, 1929, este é o prenúncio do eterno: ter tempo para amar (*dieses ist das erste Vorgefühl des Ewigen: Zeit haben zur Liebe*, em idioma alemão).

Deixemos, portanto, de desperdiçar um dos nossos bens mais preciosos (o tempo) e, conseqüentemente, a nossa energia vital, em “distrações sem sentido” para nos dedicar, cada dia, hora e minuto de nossa curta e limitada existência terrena ao que realmente importa, ou, em outras palavras, ao que verdadeiramente toca os nossos corações.

## **2. Cada segundo ao seu lado (o tempo e o verdadeiro significado da vida)**

O *tempo* é um dos bens mais caros e preciosos inerentes à pessoa humana.

Não obstante, somente lhe atribuímos o verdadeiro valor quando nos damos conta de que, fatalmente, já o perdemos.

E, nesse sentido, o tempo é extremamente *cruel*, posto que, diferentemente do que acontece com os demais erros que frequentemente cometemos, ele não aceita arrependimentos. Afinal, o tempo (que passou) simplesmente não volta mais, do mesmo modo que não se pode apagar uma luz que já se apagou.

O que fazemos com o tempo, portanto, revela-se absolutamente fundamental, além de gerar consequências para toda a eternidade de nossa curta e finita existência no planeta.

Muito embora não tenhamos o salutar hábito de refletir a respeito do que fazemos (ou sobre aquilo que deixamos de fazer), talvez esse seja o exercício cognitivo mais importante e mais significativo da vida humana.

Nesse particular, não existe espaço para *encontros* e *desencontros* – e, muito menos, para *tempos* e *contratempos* –, pois o que realmente vale na vida são apenas os raros *momentos* felizes dos quais conseguimos desfrutar. Afinal, o tempo real, isto é, aquele que de fato importa, não pode ser medido em dias, horas, minutos ou segundos, mas, sim, em *acontecimentos* que conferem significado e beleza à vida.

Portanto, não perca esse precioso, raro e efêmero *bem* (o *tempo*) concedido pelo Criador, e olhe para quem efetivamente merece estar ao seu lado e, dessa maneira, aproveite e desfrute da vida (e dessa particular *concessão divina*), pois cada segundo literalmente conta, e conta rápido.

### 3. Sobre o egoísmo e a ingratidão

*O egoísmo e a ingratidão* aparentam ser marcas indelévels do século XXI. Jovens e mesmo pessoas de outras faixas etárias parecem não perceber o quanto são afortunados e, especialmente, beneficiados pelas surpreendentes tecnologias da presente centúria, decorrentes da extraordinária revolução digital que tem alterado todos os parâmetros de concepção da riqueza, bem como o próprio paradigma de sua mensuração.

Egoísmo, de forma bem simplificada, traduz, em última análise, a ausência de altruísmo ou, em outras palavras, um apego excessivo aos próprios interesses exteriorizado por um comportamento através do qual se renega as demandas alheias, em uma tendência de exclusão da vontade de terceiros. A pessoa egoísta submete os legítimos anseios do próximo aos seus, tomando para si a única fonte de referência sobre tudo e todas as coisas. Esse sentimento representa, de modo sintético, uma ruptura com os valores morais e humanísticos que se faz revelar por presunção, orgulho e exclusivismo.

Ainda que egoísmo e ingratidão não sejam sinônimos, esta última característica, presente em grande parte dos integrantes da nova geração – ainda que também em muitas das gerações pretéritas –, se complementa com a primeira na ausência da necessidade de reconhecimento de tudo que o chamado “Novo Mundo do Século XXI” está a lhe ofertar. Isso torna destacável não o que foi alcançado e auferido, por concessão natural dos novos tempos, mas, ao reverso, tudo aquilo que, em sua visão míope e limitada, lhe foi supostamente negado, ge-

rando uma das mais nefastas manifestações humanas: o desagrado.

Egoísmo e ingratidão, portanto, cegam todos aqueles que simplesmente se negam a enxergar os reais e surpreendentes – até porque inimagináveis há pouco tempo atrás – benefícios coletivos das novas tecnologias e inovações que inauguraram, no presente século, um autêntico “Admirável Mundo Novo”.

Não há, portanto, como negar – exceto para visões profundamente contaminadas pelos vírus do egoísmo e da ingratidão – que o presente momento histórico, pós terceira (ou, para alguns, quarta) revolução industrial, tem aberto para as crianças, adolescentes e jovens (e também para outras faixas etárias) oportunidades até então inimagináveis, tornando esta fase da vida, de forma diversa daquela desfrutada no passado, simplesmente incrível.

De modo muito diferente das décadas de 1960 e 1970 da centúria pretérita – em que não havia o que se fazer aos domingos e, portanto, o tédio era reinante –, hoje, as crianças, adolescentes e jovens, ao reverso, simplesmente não possuem tempo suficiente para desfrutarem das inúmeras opções que lhes são ofertadas.

Nesses tempos pretéritos, divertir-se 24 horas por dia era algo quase ficcional. A TV (de tubo de raios catódicos, com imagens em preto e branco, pois a “colorida” somente chegou ao Brasil em 1970, e exclusivamente para a classe “AAA”) era artigo de luxo. Quando muito, havia no lar, para toda a família e sem qualquer exclusividade, apenas uma unidade dessa “incrível e extraordinária tecnologia”. Significa dizer que, para assistir a algum dos pouquíssimos programas televisivos então existentes, era necessário “socializar” com todos os demais integrantes

do núcleo familiar, lembrando, ainda, que as transmissões encerravam-se às 22 horas ou, no máximo, à meia-noite. TV a cabo? Netflix? Nem pensar!

Hoje, qualquer criança, adolescente ou jovem possui pleno acesso a uma infinidade de conteúdos (através, por exemplo, do *YouTube*), inclusive sem qualquer custo. Por meio dos mais diversos aplicativos de celular, – e por obra da magia da Internet, pode-se acessar o acervo musical existente no planeta. Eles também dispõem de filmes e *games* fantásticos. E a comunicação entre eles é instantânea. Algumas inovações tecnológicas das quais desfrutamos atualmente – como é o caso, por exemplo, das videochamadas gratuitas, através de aplicativos de celular – não foram vislumbradas nem mesmo pelas mais otimistas previsões, tais como aquelas retratadas no emblemático filme de Stanley Kubrick *2001: uma odisseia no espaço*, de 1968.

O sonho da mobilidade urbana tornou-se uma realidade, ainda que não em sua plenitude. Viabilizou-se, por exemplo, que amigos da zona norte do Rio de Janeiro possam se confraternizar diariamente com os da zona sul. Para tanto, basta que eles utilizem os diferentes modais de transportes públicos existentes na cidade: ônibus, metrô, BRT, bicicletas do Itaú (e respectivas ciclovias), patinetes etc. Cabe lembrar que, até meados dos anos 1980, o Túnel Rebouças (inaugurado em 1967) proibia o tráfego de ônibus públicos.

Refrigerantes e doces, independentemente de seu contestável valor nutricional, deixaram de ser exclusividade de finais de semana ou festividades pontuais. As guloseimas, juntamente com o acesso à farta comida (ainda que em forma de *fast food*), tornaram-se algo corriqueiro. Ir ao Bob's – praticamente a única grande rede